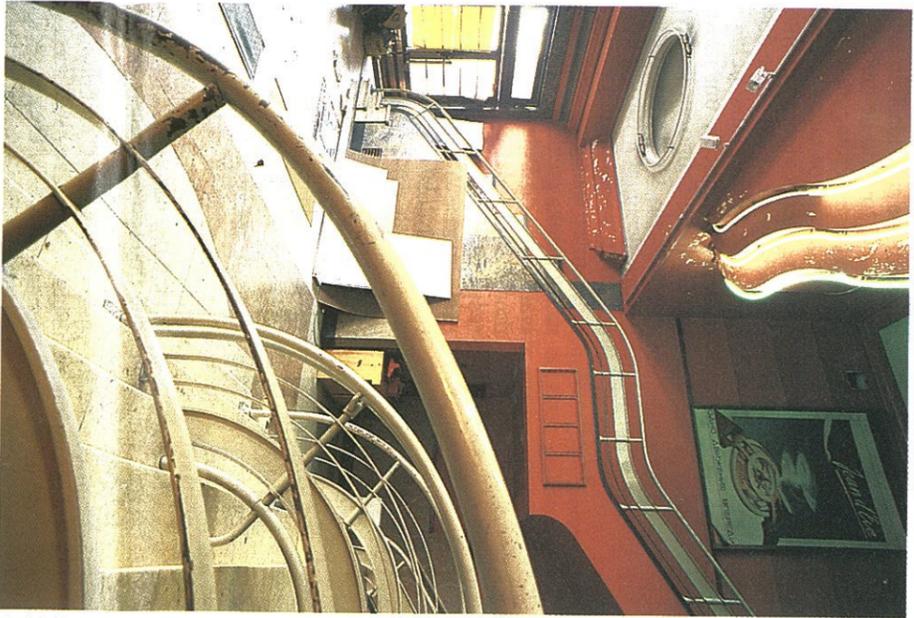


# Arquiteturas

PAULO VARELA GOMES



António Pedro Ferreira

## Escadarias do Éden

Estes são os braços cheios de pulseiras com que o Éden, no passeio da Avenida, chamava os clientes. O carácter desta fabulosa escadaria é náutico e cinematográfico, limpo e ondulado como uma máquina modernista, rápido e luminoso como o cinema. É um navio de imagens e um duplo «plateau»: serve para as pessoas se disporem nos vários níveis como se aquilo fosse uma «passerelle» onde todos são actores e espectadores do seu próprio movimento. Estas escadas incitam a subir, são tão luminosas como a escuridão que cai antes de abrir o pano.



António Pedro Ferreira

## Moradia na Av. António José de Almeida

Na Avenida António José de Almeida, ao Arco do Cego, Cassiano projectou quatro casas em 1933; duas já desapareceram, mas esta ainda lá está com uma «irmã» colocada ao lado. Tem a parte central metida para dentro, a outra tem-na para fora, os cantos estão abertos em varandas, na outra são janelas de canto. Contrapontos e variedades da teimosa unidade dos tipos, da rua, da pequena cidade-jardim no meio da cidade. Casas modernas, tão casas e tão bonitas como outras, antigas.

## Portugal dos Pequenitos

O «Pavilhão de Lisboa» do Portugal dos Pequenitos não é um pavilhão nem se parece com Lisboa. É uma colagem de imagens e miniaturas, uma espécie de cadáver esquisito. Mas é também a mais corrotiva crítica que alguma vez foi feita à maneira como o Estado Novo queria ver a arquitectura portuguesa do passado. E também à arrogância dos historiadores — que, essa, é de qualquer época e regime. O passado da arquitectura, diz o projecto de Cassiano, é heterogéneo, impossível de resumir em qualquer teoria ou estilo, destituído de qualquer «carácter» geral. O passado é um cenário onde vemos o que queremos, uma amálgama de coisas obtusas na sua diferença. Só a manipulação da escala o torna apresentável em conjunto — e nisso se perdem as suas raízes «verdadeiras».

Luiz Carvalho

